

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALICE CRISTINA DE SOUZA PINTO

**O CONTO DE FADAS COMO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO E DO
EDUCADOR**

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALICE CRISTINA DE SOUZA PINTO

**O CONTO DE FADAS COMO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM DO EDUCANDO E DO
EDUCADOR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do Título de
Pedagoga, à Faculdade de Educação da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof. Dr. Marília J. Marino

SÃO PAULO

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora Prof. Dr. _____

1º. Examinadora (Prof. Dr.) _____

2º. Examinadora (Prof. Dr.) _____

São Paulo, de _____ de 2013.

Dedico aos meus pais, pelo incentivo, apoio e carinho.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dr. Marília J. Marino pelo crédito, dedicação e contribuição para a realização deste trabalho.

A todos os professores que me inspiraram e contribuíram para a realização desta pesquisa e aprendizados que não se limitaram somente a minha formação acadêmica, mas também a pessoal.

À Maria Lúcia por ser tão acolhedora nos momentos difíceis.

As fadas madrinhas que conheci personificadas em forma de amigas e que me conduziram pelo caminho mágico para que esse trabalho pudesse ser concretizado: à Gabriela, pela convivência enriquecida de reflexões e alegrias; à Carla pela paciência; e à Maria Pia por todos os aprendizados presentes e durante a trajetória dessa caminhada.

“Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência autocentrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – senão imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro”.

Bruno Bettelheim

RESUMO

PINTO, Alice Cristina de Souza. O conto de fadas como processo de aprendizagem do educando e do educador, 2013. Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paul- PUC/SP-2013.

Orientadora: Profa. Dra. Marília J. Marino

Os contos de fadas, integram o universo da infância e podem se constituir em um caminho de aprendizagem para educando e educadores. A pesquisa busca estudar a importância das aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas vistos como proposta de aquisição de conhecimento para o educando e o educador. Realiza-se um estudo das histórias de fadas e sua comparação com outros gêneros literários, como o mito e a fábula. Fundamenta-se a investigação de natureza teórica em, autores como Bruno Bettelheim, Clarissa Estés, Mochida Kishimoto, entre outros, que dispõem de um estudo amplo nas áreas da educação e da subjetividade . Procede-se ao estudo específico de dois contos de fadas; “Chapeuzinho Vermelho” e “O rei Sapo”. Das análises feitas, percebe-se a importância da aquisição do conteúdo simbólico como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Os conhecimentos que os contos de fadas proporcionam e as aprendizagens que essas histórias carregam, contêm lições essenciais para o processo de construção de saber, tanto do educando como do educador. Finaliza-se o estudo, com uma proposta de educação continuada dirigida aos educadores, que tem por finalidade sensibilizá-los no trabalho como o universo imaginário, reconhecendo a importância dos contos de fadas no processo de aprendizagem, favorecendo a articulação entre teoria e prática e a relação com os pais nesta tarefa. Tem- se em vista particularmente a transição do último ano da educação infantil, para o início da educação fundamental- momento em que as aprendizagens simbólicas podem possibilitar à criança a passagem para os estudos sistemáticos.

Palavras-chave: Conto de fadas. Educação e Subjetividade. Aprendizagens Simbólicas. Transição Educação Infantil-Ensino Fundamental. Papel do Educador.

ABSTRACT

PINTO, Alice Cristina de Souza. Take fairy tales into consideration as learning process of students and teachers, 2013. Final paper (TCC) submitted to Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP - Education College - Pedagogy course, 2013.

Supervisor: Prof. Dr. Marília J. Marino

Fairy tales are part of children's universe and they may represent a learning path to students and teachers. The research is meant to study the importance of symbolic learning found in fairy tales, considered as proposal for knowledge acquisition for students and teachers. It was performed the study of fairy tales and the comparison to other literary genres, such as myth and fable. The theoretical investigation was based on comprehensive studies in education and subjectivity developed by authors such as Bruno Bettelheim, Clarissa Estés, Mochida Kishimoto, among others. Then, two fairy tales were studied in depth: "Little Red Ridinghood" and "The Frog King". Based on the analysis performed, it was observed the importance of acquisition of symbolic content as tool in the learning process. The knowledge and learning afforded by fairy tales provide the essential lessons to build both student and teacher knowledge. Finally, the study proposes the continued education for teachers to allow the creation of work awareness, such as the imaginary universe, acknowledging fairy tales relevance in the learning process, favoring the connection between theory and practice and the relationship with parents to accomplish this task. It especially bears in mind the transition from kindergarten to the beginning of elementary education – when the symbolic learning may enable the child's passage to systematic studies.

Key words: Fairy tales. Education and subjectivity. Symbolic learning. Transition from kindergarten to elementary school education. Teacher's role.

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	12
1.1 Da Trajetória ao Tema e Indagação	12
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Objetivos	15
Capítulo II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO	17
2.1 Gêneros literários	18
2.1.1 Contos de fadas <i>versus</i> mito	18
2.1.2 Contos de fadas comparados com a fábula	22
2.2 Dimensões simbólicas presentes nos contos de fadas	23
2.3 Contos de fadas e a educação por meio do aprendizado simbólico ..	26
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE CONTOS DE FADA	28
3.1 Identificação: Chapeuzinho Vermelho	28
3.1.1 Resumo	28
3.1.2 Personagens	28
3.1.3 Estudo do conto: aprendizagens simbólicas	28
3.2 O Rei Sapo.....	33
3.2.1 Identificação	33
3.2.2 Resumo	33

3.2.3 Personagens	34
3.2.4 Estudo do conto: aprendizagens simbólicas	34
Capítulo IV - UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES	42
4.1 A proposta e justificativas.....	42
4.2 Indicadores para uma oficina de Contos de Fadas	44
Capítulo V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Foco nos Educadores	46
Tabela 2 - 2º Encontro: Foco nas crianças.....	47
Tabele 3 - 3º Encontro: Foco na relação Escola-Família	48

I. INTRODUÇÃO

1.1. Da Trajetória ao Tema e Indagação

Os contos de fadas estão presentes em minha história desde a minha infância; tenho boas recordações das histórias que meus pais me contavam. Eles dedicavam parte significativa do seu tempo a esse momento especial. A troca de informações e aprendizados foi me iniciando nesse mundo encantado e aguçando minha curiosidade na construção de mundo e conhecimento.

Através de histórias relatadas por eles, com gestos, entonação vocal e uma pitada de expressão corporal, me divertia e me encantava com aquelas encenações, que me faziam cada vez mais curiosa e contente. Quando chegava o momento mágico da contação, iniciava-se um momento de troca de aprendizados, onde eu aprendia lições e conhecimentos sobre experiências passadas, as quais me forneciam ferramentas importantes para lidar com situações futuras.

Em alguns casos era comum ouvir a mesma história mais de uma vez, porém não era nada previsível, pois essa mesma história não era contada de forma igual a anterior. Existia sempre uma informação nova, um fato que havia sido lembrado ou até um evento inédito. Na oralidade, que é a forma que meus pais me contavam histórias, é comum a participação do contador e sua interferência é fundamental para que a história possa tomar corpo, forma e acontecer.

Nessa atmosfera mágica, ia ampliando a cada dia meu repertório de conhecimento e à medida que crescia, tomava mais consciência disso. Foi por meio das histórias que percebi que meu nome era o mesmo de uma personagem que, através de uma viagem mágica, era conduzida a um País das Maravilhas.

À medida que escutava mais de uma vez a mesma história, meu mundo se ampliava, aprofundava as emoções despertadas por aquele conto e também me fazia treinar a tolerância e a percepção diante da movimentação dos acontecimentos e das reflexões que isso tende a ocasionar.

Ao ampliar meu conhecimento sobre a maneira simbólica, compreendia instruções presentes em ensinamentos que transmitiam informações de que podemos ter exemplos de sucessos e fracassos e principalmente de aprender a ouvir a própria intuição em situações que pedem criatividade.

Meu crescimento foi seguindo e na escola fui direcionando meu interesse aos Contos de fadas através de leituras, as quais ampliavam meu universo, e por meio da

produção escrita, desenvolvia minha imaginação, materializando histórias que me rendiam bastante prazer de desenvolver, além de enriquecer meu repertório criativo.

Quando ingressei no curso de Pedagogia, através das experiências obtidas em sala e nos locais de trabalho, tive mais uma vez a oportunidade de participar dessa atmosfera mágica e das particularidades relacionadas aos contos de fadas. Porém, agora, meu personagem nesse enredo havia mudado e minha posição pedia uma nova postura, existia a necessidade de uma ressignificação diante dos acontecimentos que haviam ocorrido, pois eu passava de ouvinte para contadora.

Nesse momento de finalização do curso de Pedagogia, sensibilizou-me a possibilidade de aprofundar o estudo sobre a importância dos contos de fadas na formação do professor e no desenvolvimento da criança, a partir do conhecimento desse educador, como forma de aquisição de conhecimento e de troca de aprendizagem.

A utilização dos contos como transmissão de conhecimento atravessa gerações e traz lições que carregam aprendizados pertinentes aos dias atuais. Para os adultos, os contos de fadas transmitem muito mais do que uma simples história, com finais onde a moral e os valores estão embutidos.

O desenrolar da trama, as fábulas, convidam os ouvintes a percorrer caminhos onde nossos sentidos e nossas emoções transitam por um universo onde a oralidade, a imaginação e o ato de ouvir e lembrar um determinado conto possui o efeito semelhante ao de se ligar uma tomada interna de consciência.

A minha tomada de consciência como ouvinte nesse universo simbólico teve início na minha infância e vem acompanhando minhas reflexões e minha forma de conceber o mundo, fazendo parte das minhas inúmeras aprendizagens.

Durante minhas incursões em ambiente escolar como educadora, procurei validar o máximo possível o conhecimento adquirido na faculdade, procurando transmiti-lo de forma a favorecer a troca de informações e propiciar a transformação do educando a partir dessas trocas.

Assim como ocorre nas aprendizagens, nos contos temos a oportunidade de ver o desejo e o esforço para a transformação do indivíduo em algo maior, onde as amplitudes de suas qualidades estão sendo trabalhadas.

Quando crianças ainda não temos recursos cognitivos suficientes para um pensamento desses, mas nossa tomada de consciência diante desse processo simbólico pode ser atribuída ao processo do aprendizado presente nos contos de fada, que oferecem elementos os quais permitem a criança ter suporte necessário para fortalecer momentos de transição e amadurecimento.

Como educadora, acompanho de perto o movimento pertencentes as etapas do desenvolvimento cognitivo que uma criança atravessa e é visível como suas emoções e sentimentos fazem parte desse cotidiano. Aprender a lidar, conviver e tolerar esses sentimentos se torna um aprendizado constante e necessário para conseguir operar consigo mesmo.

Os educadores têm a necessidade de perceber que os contos de fadas trazem sensibilidade à nossa alma, nos ensina sobre valores e emoções, que serão cultivadas e mantidas apesar de toda a interferência. Ao decorrer da vida, essa lição é um aprendizado sobre quem somos como seres humanos, sobre nossa essência, sobre algo que deve ser mantido e admirado.

Cada personagem pertencente a uma fábula tem seu valor, seu significado e trazem consigo lições. Os personagens presentes nas histórias permitem à nossa psique a busca pelos movimentos necessários para se alcançar as transformações inerentes ao aprendizado.

A composição de nossas vidas é tecida por construções constantes a partir de histórias inacabadas, que fazem parte da sorte de coisas estranhas, às vezes terríveis, outras vezes fabulosas, muito parecidas com a forma que são compostas as coisas que habitam e que constroem a atmosfera dos contos de fadas.

Com tantas descrições relacionadas ao tema *“Contos de Fadas e a Educação”* e como educadora, podemos atribuir aos contos de fadas uma forma de se construir um conhecimento através das formas descritas acima, contribuindo para a amplitude de habilidades cognitivas. Essas formas permitem compreender o universo simbólico, favorecendo mudanças, desenvolvendo mecanismos que auxiliam nossa percepção e possibilitando um aprendizado e crescimento interior. Assim chegamos à indagação disparadora:

Qual a importância das aprendizagens contida nos contos de fadas para o educando e para o educador?

1.2. Justificativa

Os contos de fadas permitem à criança o aprendizado por meio da criatividade e inovação, possibilitando a interação com seus pares e resolução de conflitos, uma vez que diminui a ansiedade e a insatisfação e promove momentos prazerosos.

Contos de fadas cumprem a função de expor a fantasia que a criança possui do mundo exterior; as histórias permitem à criança lidar com sentimentos como medo, desejo, prazer, curiosidade e frustração, favorecendo seu desenvolvimento emocional.

Quando mergulhamos na atmosfera do aprendizado simbólico presente nos contos de fadas, ocorre um convite à psique a sonhar com algo que lhe parece familiar, mas que tem sua origem enraizada em um passado distante. Os contos de fadas trazem mensagem que atravessaram gerações e chegaram até os dias atuais.

Ainda no que concerne ao desenvolvimento infantil, os contos de fadas são importantes à medida que representam manifestações das fantasias coletivas e possuem um vasto depósito de ideias as quais expressam palavras e imagens, símbolos de pensamentos universais, compostos por construções constantes de histórias inacabadas.

As histórias são compostas por diversas mensagens acerca de regras e valores, que são transmitidos na infância e perdurarão até a fase adulta. Por meio das histórias, as crianças são introduzidas às regras sociais, constituindo-se um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural e histórica dos adultos e da sociedade por eles construída.

1.3. Objetivos

Objetivo Geral

Explicitar a importância dos contos de fadas como processo de aprendizagem do educando e do educador.

Objetivos Específicos

- 1 - Estudar as aprendizagens presentes nos contos de fadas.
- 2 - Analisar o papel do educador diante das aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas.
- 3 - Construir uma proposta de formação continuada para o educador considerando particularmente o período de transição das crianças na passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.
- 4 - Contribuir para a área do saber que envolve a formação continuada do professor, diante dos contos de fadas.

O trabalho consiste em uma pesquisa teórica sobre a temática, no qual também analisaremos alguns contos e finalizaremos com uma proposta que contemple a educação continuada do professor. Para a fundamentação teórica foram parceiros de

conhecimentos, Clarissa Estés, Bruno Bettelheim e Tizuco Morchida Kishimoto, entre outros também citados no decorrer da pesquisa.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: OS CONTOS DE FADAS E A EDUCAÇÃO

Como abordado no capítulo anterior, partimos do pressuposto de que, através dos contos de fadas, a criança amplia seus conhecimentos e suas concepções acerca de si e o educador trabalha sua sensibilização do mundo em estudar temas remetentes às aprendizagens simbólicas, abrindo caminhos para enriquecimento das relações de educação.

Neste capítulo, conheceremos melhor os autores escolhidos para a elaboração do trabalho e suas respectivas contribuições para o aprofundamento a respeito do tema, dos simbolismos e saberes contidos e gerados através da utilização dos contos de fadas como transmissores de conhecimento.

Como fundamentação dessas análises, contaremos com as contribuições extraídas das teorias proposta pelos estudos de Bettelheim, em a *Psicanálise dos Contos de Fadas*, abordando a diferença entre eles, das narrativas míticas e das fábulas, analisando seus saberes simbólicos e lições obtidas das interpretações da Dra. Clarissa Pinkola Estes nos contos dos Irmãos Grimm, sobre a educação através dos simbolismos.

Através da narrativa contida nos contos de fadas, existe um relato sobre o modo de posicionar e ressignificar sentidos e valores. Ao estudar as personagens de uma história de fadas e o modo como se desenrola a trama, as ações tomadas diante das circunstâncias e as respostas a suas ações podem revelar a intencionalidade de seus gestos e o propósito de suas ações.

As histórias dos contos e das narrativas míticas oferecem a leitura simbólica de como determinados conceitos e valores são vistos e sentidos por todos e como esses valores são determinantes e necessários para a formação do caráter infantil, mediando suas relações e conflitos internos.

As histórias constituem uma forma enriquecedora de aprendizado, já que há um contato com a imaginação, fonte estimulante da criatividade e das fantasias que são agentes importantes no desenvolvimento emocional da criança durante seu crescimento.

O educador está diante de uma ferramenta convidativa para a criança, tendo em vista sua fase de desenvolvimento e compreensão do mundo. Portanto, a criança

é estimulada a explorar uma atmosfera onde sua imaginação será fundamental para o fornecimento de respostas acerca dos conceitos simbólicos a respeito de sua origem, seu lugar no mundo, dos padrões e regras que ela pode optar a seguir.

O conto de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existentes e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. Ademais, o conto de fadas oferece soluções sob formas que a criança pode aprender no seu nível de compreensão (BETTELLHEIN, 1903, p. 18-19).

Os aprendizados que podemos extrair de gêneros literários que são compostos por personagens míticos, heróis e determinados seres mágicos, contribui de um modo simbólico para que haja um aprendizado maior e significativo, que está no modo como, através do desenrolar da história, pode-se encontrar a sua própria solução para os conflitos internos. Há um convite à imaginação em reproduzir a história, redimensionando simbolicamente os fatos e assemelhando os obstáculos aos próprios conflitos internos.

De modo geral as histórias de fadas, fábulas e mitos acompanham há muitos anos a humanidade, em épocas em que a oralidade era um determinante na construção e transmissão de conhecimentos desses gêneros. Tiveram destaque por transmitirem saberes e realizarem uma leitura dos valores sociais de seu tempo.

Esses gêneros literários possuem muitas características que os assemelham. Neste capítulo estudaremos melhor algumas delas, como também as diferenças que compõem cada um deles.

2.1. Gêneros Literários

2.1.1. Contos de fadas *versus* o mito

Os contos de fadas e mitos transmitem informações através da linguagem de símbolos, representando conteúdos os quais se tornam compreensíveis para as crianças através de imagens que chegam até inconsciente.

Há uma concordância geral de que mitos e conto de fadas falam-nos na linguagem de símbolos e representando conteúdos inconscientes. Seu apelo é simultâneo à nossa mente consciente e inconsciente, a todos os seus três aspectos - id, ego e superego - e à nossa necessidade de ideais de ego também. Por isso é muito eficaz; e no conteúdo dos contos, os fenômenos internos psicológicos recebem corpo em forma simbólica (BETTELLHEIN, 1903, p. 46-47).

As estruturas que compõe a narrativa mítica e os contos de fadas possuem elementos que elencam respostas acerca de questões eternas sobre as dúvidas relativas ao mundo e como pode se viver nele, sendo o que se é. “Na maioria das culturas, não existe uma linha clara separando o mito do conto folclórico ou de fadas; todos eles formam a literatura das sociedades pré-literatas” (BETTELLHEIN, 1903, p. 34).

Os contos de fadas são compostos por situações inusitadas e improváveis, que podem ser suscetíveis a qualquer pessoa. Tais acontecimentos e eventos são relatados de forma casual.

Até mesmo os mais notáveis acontecimentos, nos contos de fadas, são relatados de forma otimista. Há a ideia de transmitir o sentimento de conforto ao final feliz que a história desenvolve. Em contrapartida, na narrativa mítica:

Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isto é absolutamente singular; não poderia acontecer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro quadro; os acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não poderiam possivelmente acontecer a um mortal como você ou eu (BETTELLHEIN, 1903, p. 47).

No decorrer da trajetória da narrativa mítica, o herói é testado diversas vezes, os acontecimentos inspiram a admiração ao longo de sua jornada, ele realiza feitos que não estão disponíveis para qualquer mortal. Nas narrativas míticas, acompanhamos a trajetória de uma história muito particular que necessita ser feita e, ao final, possibilitará ao herói uma elevação da sua condição humana. No mito existe a necessidade de lidar com escolhas cruciais de modo direto.

Na narrativa mítica, muito mais do que acontece nos contos de fadas, o herói apresentado ao ouvinte é submetido a situações onde a sua vida é rivalizada o quanto for possível. As exigências a que esses heróis são submetidos incorporam condições tão rigorosas que podem desencorajar muitas vezes as crianças.

Em contraste, embora as situações nos contos de fadas sejam com frequência inusitadas e improváveis, são apresentadas como comuns, algo que poderia acontecer a você ou a mim ou a pessoa do lado que estivesse caminhando na floresta. Mesmo os mais notáveis encontros são relatados de maneira casual e cotidiana (BETTELLHEIN, 1903, p. 47).

Devido ao caminho virtuoso que o herói teve que encontrar, seja por conta da sorte, seja na interferência de adventos sobre-humanos, a narrativa mítica apresenta

uma penumbra em seu enredo, uma atmosfera às vezes não tão otimista como aquela encontrada nos contos de fadas; mesmo assim ainda oferta de modo simbólico ferramentas que sugerem à criança compreensão acerca de resoluções de questões pessoais.

O mito é pessimista enquanto a estória de fadas é otimista, mesmo que alguns traços sejam terrivelmente sérios. É esta diferença decisiva que separa o conto de fadas de outras estórias nas quais igualmente ocorrem coisas fantásticas, que o resultado seja feliz devido as virtudes do herói, a sorte, ou a interferência de figuras sobrenaturais (BETTELLHEIN,1903, p. 47)

Outra característica presente no mito está na forma como seus personagens são nomeados: as personagens da narrativa possuem nomes e são identificados aos ouvintes/leitores desde o início da apresentação da narrativa. Isso lhes atribui características próprias e sua jornada é única.

A sabedoria psicológica dos tempos responde pelo fato de cada mito ser a estória de um herói particular: Teseu, Hércules, Beoulfo, Brunhilda. Não só estes personagens míticos têm nomes, mas também nos são ditos os nomes de seus pais e de outras figuras principais no mito. Não funcionaria chamar o mito de Teseu de “O homem que imolou o touro” ou o de Niobe como “a mãe que teve sete filhas e sete filhos” (BETTELLHEIN,1903, p. 50)

Os contos de fadas permitem encontrar uma semelhança maior entre a história e a algo típico da nossa realidade. Como exemplo, os títulos que as história de fadas recebem, que são, em sua maioria, compostos por nomes descritivos do enredo que esta por vir.

Os protagonistas dos contos de fadas são referidos como “uma moça”, por exemplo, ou “o irmão mais novo”. Se aparecem nomes, fica bem claro que não são nomes próprios, mas nomes gerais ou descritivos (BETTELLHEIN,1903, p. 51)

Ainda referente às personagens do conto de fadas, ao contrário das pertencentes à narrativa mítica:

Isto é frisado ainda mais pelo fato de que nas estórias de fadas mais ninguém tem nome; os pais das figuras principais permanecem anônimos. São referidos como “pai”, “mãe”, “madrasta” embora possam ser descritos como “um pobre pescador”, ou “um pobre lenhador”. Se são “um rei” e “uma rainha” são disfarces leves para pai e mãe, assim como são “príncipe” e “princesa” para menino e menina (BETTELLHEIN,1903, p. 51)

Independente dos eventos que ocorram ao longo do percurso que os heróis

precisem atravessar nos contos de fadas, nenhum é capaz de torná-los sobre-humano, diferente do que ocorre na narrativa mítica. Nos contos de fadas, uma das características presentes que também qualifica a história como pertencente a este gênero, pode ser observada no fato de que os finais da história expressam a mensagem de final feliz.

Em um mito, assim como nos contos de fadas, o final da história está carregado de ensinamentos, que remetem sentido e valor ao seu desfecho, mas que se podem notar diferenças na forma como os finais das histórias se apresentam.

O enredo da narrativa mítica chega ao seu final contendo um desfecho não tão esperançoso e animado como o que as histórias de fadas têm: alguns contos de fadas podem até ser classificados como contos, mas o interior de suas histórias é o contrário.

Uma diferença, ainda mais significativa entre essas suas espécies de estória é o final, que nos mitos é quase sempre trágico, enquanto sempre feliz nos contos. Por esta razão, algumas das estórias mais conhecidas, encontradas nas coleções de contos de fadas, não pertencem realmente a esta categoria. Por exemplo, “A Menina dos Fósforos” e “O Soldadinho de Chumbo” de Hans Christian Andersen, são lindos, mas extremamente tristes: eles não transmitem o sentimento de consolo final característico dos contos de fadas (BETTELLHEIN, 1903, p. 47).

Podemos agora identificar algumas das semelhanças e diferenças encontradas nesses dois gêneros literários. Observando as características de ambos, é perceptível reconhecer o modo como cada um, com suas particularidades, contribui transmitindo lições e saberes a cerca de valores, simbolismos e conhecimentos tão significativos e presentes ao longo do desenvolvimento cognitivo e pedagógico infantil.

Durante o desenvolvimento emocional as crianças necessitam de recursos internos para suprir essa fase do seu crescimento. Nas histórias de fadas, assim como nos mitos, como educadores podemos utilizar tal ferramenta para ampliar nossa forma de transmitir conteúdos necessários para que a criança amplie seus recursos simbólicos. Podemos ampliar a forma de construir o aprendizado explorando histórias que os mitos, contos e fábulas nos oferecem. “Obviamente, nem toda estória contida numa coleção dita ‘Conto de fadas’ corresponde a estes critérios. Muitas destas histórias são simplesmente diversões, como aconselhador ou fábulas” (BETTELLHEIN, 1903, p. 47).

A seguir vamos estudar os contos de fadas comparados com as fábulas, tomando por base, ainda, a teoria de Bettellhein.

2.1.2. Contos de fadas comparados com a fábula

Alguns processos infantis que compõem a maturação emocional da criança se tornam possíveis e claros através de imagens e mensagem que falam diretamente com seu inconsciente.

Esses processos infantis muitas vezes geram nas crianças conflitos que são inerentes ao seu crescimento. As fábulas podem conter lições acerca de conflitos e questões que lidam com essa capacidade de poder ampliar o entendimento em relação ao mundo e ampliar questões significativas acerca desenvolvimento infantil.

Durante o seu crescimento a criança atravessa uma etapa na qual precisa ampliar limites e ressignificar informações à medida que vai realizando sua leitura de mundo. Isso leva a criança a se conscientizar acerca da necessidade de assumir suas próprias escolhas e de tomar suas próprias decisões.

Essas escolhas fazem as crianças se darem conta da realidade que a cerca e as implicações que isso tem. Essa nova condição também pode ser revelada às crianças por meio das fábulas. O princípio da realidade é tema central de muitas fábulas e contos de fadas. Essa temática é ensinada por meio de fatos e ações que ilustram as tomadas de decisões e posturas que envolvem o desenvolvimento e crescimento pessoal, conduzindo a atitudes e práticas de sabedoria e astúcia em algumas ocasiões.

Certas fábulas retratam temas que oferecem alternativas às questões de modo conciso. As escolhas são conduzidas de modo direto, para que haja respostas a respeito dos processos de mudanças que o momento da narrativa pode exigir.

As fábulas oferecem explicitamente uma verdade moral: não há significado oculto na sua forma de transmitir determinada informação. Ao contrário dos contos de fadas, onde nossa imaginação é sugestionada a interpretar informações presente na narrativa, nas fábulas não há significado oculto, nada é deixado à nossa imaginação. “Se são fábulas, conta, por meio de palavras, ações ou situações embora possam ser fabulosas – o que alguém deve fazer – são moralistas ou apenas entretém” (BETTELLHEIN, 1903, p. 47).

Nas narrativas que compõem as fábulas, estão presentes passagens onde seres irracionais e algumas vezes inanimados são tomados por ações e atitudes que os fazem portadores de instruções sobre moral e valores e simulam falar, agora imbuídos de interesses e paixões relativas ao universo humano.

2.2. Dimensões simbólicas presente nos contos de fadas

Os contos de fadas são compostos de simbolismos que transportam mensagens sobre diversas lições e possuem um vasto grupo de ideias expressas em palavras, imagens que tecem histórias com características próprias e que simbolizam pensamentos universais.

Contos de fadas representam manifestações das fantasias coletivas e fazem parte da formação emocional do ser humano. Existe uma função atribuída aos contos que é a de expor sentimentos como medo, fúria, desejo, dentre outros que uma criança possui e traz consigo ao longo de seu crescimento.

Durante a leitura e análise das informações contidas nesse capítulo, as referências de estudos através dos autores consultados, transmitem a ideia que durante a infância, em contato com linguagem simbólica presentes nos Contos de fadas, o educando é capaz de ampliar seus conhecimentos.

À medida que se envolve com essas histórias, há um contato com sentimentos e emoções que são universais e estão presentes na aquisição de conceitos afetivos e emocionais pertencentes no desenvolvimento emocional. A partir dessas vivências há um reconhecimento de conflitos internos de emoções que muitas vezes trazem desconforto e que são transferidas às histórias.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta conta as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com opressões, inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim emergir vitoriosa (BETTELLHEIN, 1903, p. 14)

Por meio da contribuição dos autores consultados e suas referências, podemos ter uma dimensão maior das camadas de simbolismos e de consciência emocional que estão presentes nas estruturas que constituem nossa psique, e que são iniciados nos primeiros contatos que a criança estabelece com as histórias de fadas.

No livro *Contos dos Irmãos Grimm*, escrito pela psicanalista junguiana Dra. Clarissa Pinkola Estés, é abordada a temática da interpretação dos contos de fadas não somente limitada ao universo infantil, mas também à forma de interferência e sensibilização que os contos podem provocar na vida adulta.

A autora fez uma pesquisa bibliográfica que reuniu em seu livro “Contos dos Irmãos Grimm”, relatos de contos antigos e, após a compilação de algumas passagens, percebeu que os contos foram ao longo dos anos, das tradições e dos

interesses de cada época, sendo moldados e adaptados.

Segundo a autora, contos de fadas são como lanternas mágicas e registram o espírito do tempo. Também existe uma essência presente nos contos que de modo geral teve suas origens enraizadas num passado distante, constituído em uma atmosfera pertencente aos simbolismos da época.

De acordo com a autora, os contos de fadas nos revelam quem assim como em nossas vidas ao longo de nossa trajetória, há um percurso onde nos deparamos com constantes interferências e obstáculos.

No entanto, muitas vezes é mais fecundo entender os contos em níveis que permitam ao indivíduo considerar os seus símbolos e, portanto, considerar e aprender a respeito das escolhas mais profundas da vida (ESTÉS, 1992, p. 23)

Porém, essas interferências contribuem com o resultado de compreensão a respeito de emoções pertencentes a nossa própria psique. Na estrutura encontrada nos contos, percebemos nessas personagens os tropeços e a recuperação de um trajeto simbólico. Isto é uma alusão à trajetória pertencente a nossa própria psique, segundo a autora.

Para Jung, os contos de fadas possibilitam expressar a individualidade ao testar os conhecimentos simbólicos adquiridos sobre a construção do modo de ser e agir e, sendo o que se é, pode se chegar em algum lugar e descobrir como se dá esse caminho. Jung revela que durante o crescimento atravessamos etapas que são necessárias para esse processo de individuação.

Quando ativamos nossa tomada interna de consciência e escutamos as lições que os contos nos revelam, processamos essas informações como experiências que fazem parte do nosso processo de aquisição de conhecimento e crescimento individual.

Alguns obstáculos no decorrer desse processo são enfrentados pelo educando. Cada etapa desse estágio é acompanhada por uma dificuldade simbólica que a criança necessita ultrapassar para seguir seu crescimento individual. É necessário estimular a criança a tomar consciência de suas decisões de acordo com seus próprios valores.

Ainda em “Contos dos Irmãos Grimm”, a autora Pinkola Estés aborda como são as camadas de significados que compreendem a estrutura que o conto possui e como essa estrutura possibilita, por meio de suas metáforas, o conhecimento acerca de valores e pensamentos coletivos de assuntos universais. “Os contos de fadas tem um

léxico – um vasto grupo de ideais expressas em palavras e imagens que simbolizam pensamentos universais” (ESTÉS, 1992, p. 23).

Os contos de fadas são essenciais e representam significações de manifestações de fantasias coletivas. Jung denomina como arquétipos essas representações coletivas e individuais. À medida que a criança se identifica com a história ou com as personagens contidas nela, ela se torna capaz de criar um símbolo, um elo, e se transportar para o lugar do outro, primeiro na história e posteriormente nas relações estabelecidas a partir daí.

De acordo com Jung, os arquétipos como elementos estruturais formadores que se firmam no inconsciente, dão origem tanto a fantasias individuais quanto às mitologias de um povo. Eles tendem a aparecer como determinadas regularidades - tipos recorrentes de situações e figuras. A situação arquetípica inclui “a busca pelo herói”, “a viagem noturna ao mar” e a “luta para se libertar da mãe”. Figuras arquetípicas incluem a criança divina, o duplo, o velho sábio a mãe primordial (FADIMAN; FRAGER, 1939, p. 50).

Quando a criança consegue associar as características dela com as da personagem, pode expor suas fantasias, evocar sentimentos como medo, desejo e curiosidade de maneira sadia, favorecendo seu desenvolvimento emocional.

Com os simbolismos presentes nos contos de fadas, existe a exposição desse material coletivo e educadores e crianças podem entrar em contato com a essência contida e obtida ao atravessar processos de aquisição de conhecimento por meio da experiência simbólica.

A partir dos aprendizados simbólicos, podemos enriquecer as conexões de maturação que nutrem uma psique saudável o suficiente para atravessar processos de mudança que os momentos de crescimento emocional necessitam ter.

Nos contos de fadas, há vastos ensinamentos simbólicos acerca de como a mudança e a tomada de consciência em algumas situações é determinante e essencial no processo de consciência. Com eles, é possível perceber a compreensão que se faz sobre a própria forma de agir, principalmente em processos em que os aprendizados são interiores e as mudanças são internas, representando uma integração com a personalidade.

No decorrer dos processos de aprendizagem que uma criança atravessa durante seu crescimento, percebemos neste capítulo a forma como o simbólico está representado em uma parte de aquisição de conhecimento, sobre o crescimento e o autoconhecimento emocional, proporcionado pelas leituras e pelas interpretações que os contos de fadas nos fornecem.

Podemos compreender enquanto educadores a importância que os contos possuem, pois contém instruções a respeito de nós mesmos, dos nossos processos interiores de maturação emocional, e, através das histórias, encontramos momentos que enriquecem nosso aprendizado.

2.3. Contos de fadas e a educação por meio do aprendizado simbólico

Para as crianças, as histórias funcionam como facilitadoras do aprendizado, onde a criatividade e o conhecimento podem ser explorados de maneira simbólica. A partir da vivência e dos conhecimentos sobre suas emoções, a criança possui maior conhecimento e autonomia acerca de seus conflitos internos.

Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo do seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados-ruminando, reorganizando fantasiando sobre elementos adequados da estória em respostas as pressões inconscientes (BETTELHEIM, 1903, p. 16)

Através das histórias dos contos de fadas, onde acontecem momentos de transição, educadores podem avaliar tais situações que ilustram e merecem ser consideradas, como exemplo na forma de aquisição de conhecimento, tanto para criança quanto para os adultos. “Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo” (BETTELHEIM, 1903, p. 16).

O aprendizado simbólico é abordado de maneira que a reflexão remete o educador à importância de conceber relações de aprendizagens construídas e estabelecidas, levando em consideração essas questões no decorrer do desenvolvimento do educando.

Os contos de fadas auxiliam a compreensão de sentimentos e ensinam que estar em contato com eles faz parte do crescimento emocional. Estar em contato com nossas emoções nos faz aprender sobre nós mesmos e sobre o mundo.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentimento de obrigação moral – a criança necessita estender o que está passando dentro do seu inconsciente (BETTELHEIM, 1903, p. 16).

Ao perceber a importância dos contos e o desenvolvimento que ele provoca na trajetória do educando, o professor permite a si mesmo aprender também, participando da construção dos processos, sendo agente dessas ações e transformações que decorrem de aprendizagens significativas e essenciais.

Considerando os momentos de transição, chamamos a atenção particularmente para a etapa que envolve a finalização do período da educação infantil e o início do ensino fundamental, isto é do pré-letramento ao processo sistemático de alfabetização. A criança será desafiada a estabelecer uma outra relação com a linguagem e seu território simbólico.

No capítulo seguinte, iniciaremos as análises de alguns contos de fadas e os estudos acerca das aprendizagens contidas nas camadas de fantasias que compõem essas histórias. O primeiro conto estudado será o da Chapeuzinho Vermelho e em seguida o conto de fadas do Rei Sapo. Em ambos analisaremos a história e o enredo das aprendizagens contidas ao longo do estudo das personagens principais.

Os dois contos de fadas contêm lições simbólicas para crianças que precisam enfrentar seus dilemas edípicos, considerando o processo de identificação materno/paterna¹. Os educadores que trabalham com crianças nessa faixa etária lidam com questões sobre a ambivalência de desejos, do reconhecimento de emoções e do processo de crescimento que essas crianças precisam atravessar nessa fase do seu crescimento emocional.

O conto do Rei Sapo traz ensinamentos acerca das questões enfrentadas por educandos que precisam, além das lições citadas acima, refletir sobre a tomada de consciência, saberes que são utilizados para trabalhar a noção acerca do conhecimento do princípio da realidade e do prazer. O conto o Rei Sapo pertence à categoria de “contos do ciclo noivo animal” que vamos estudar melhor mais adiante.

¹ Freud constrói as estruturas da personalidade Id, Ego e Superego com os seguintes significados: Id é a energia da satisfação – (inconsciente); ego é o senso de realidade que responde pelas operações mentais da memória, inteligência, imaginação e linguagem (fala), é pois parte consciente e parte inconsciente. O Superego caracteriza-se como senso de valores, instância do julgamento moral e da formulação de ideais sendo também parte consciente e parte inconsciente. (APPIGNANESI, R {Texto} e ZARATE, O {Ilustrador}, s/d). Em BOCK e outros (2010:50-51) encontramos subsídios para nos inteirarmos sobre as fases do desenvolvimento sexual/emocional da criança, centradas em zonas corporais: oral; anal, fálica, período de latência e a fase genital ao chegar na adolescência. Os dilemas de identificação materno/paterna embora sempre estejam em questão, são um desafio peculiar na primeira infância, responsável pelas primeiras formações dos papéis de gênero.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE CONTOS DE FADAS

3.1. Identificação: Chapeuzinho Vermelho

Chapeuzinho Vermelho
Contos dos Irmãos Grimm
Dra. Clarissa Pinkola Estés

3.1.1. Resumo

O conto de fadas da menina conhecida como Chapeuzinho Vermelho, que, atendendo um pedido de sua mãe, vai até a casa da avó com alguns quitutes, porém quando inicia o caminho, contraria as ordens recebidas da mãe e conversa com o Lobo. Este, muito astuto, a convence e consegue chegar antes que ela à casa de sua avó. Então, ele devora a avó e fica aguardando a chegada da menina. Ao chegar, a menina tem o mesmo destino que sua avó. Um caçador que passa no local fica surpreso com o barulho que o Lobo faz por conta de sua pesada digestão e, com isso, consegue salvar a tempo a menina e a avó. O Lobo tem seu castigo, sendo recheado de pedras, colocadas no lugar das duas que lhe serviram de refeição.

3.1.2. Personagens

- Mãe do Chapeuzinho;
- Chapeuzinho Vermelho;
- Avó;
- Lobo Mau;
- Caçador.

3.1.3. Estudo do conto: aprendizagens simbólicas

O estudo do conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* foi baseado na leitura do livro *Contos dos Irmãos Grimm*, da Dra. Clarissa Pinkola Estés, e a análise do conto também contará com as reflexões do autor Bettelheim.

Para o educador, o conto da Chapeuzinho Vermelho dispõe de assuntos que permitem operar as aprendizagens presentes no campo simbólico, estimulando a criança a ampliar seus níveis de significação, ligados a sua forma de autoconhecimento e de percepção do ambiente onde ela se desenvolve, assim

crecendo e ampliando seus aprendizados.

A estória só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela que descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma (BETTELHEIM, 1903, p. 205).

Tendo em vista as aprendizagens simbólicas contidas em *Chapeuzinho Vermelho*, esse capítulo dará destaque a dois temas encontrados na história: a ambivalência de desejos, que mostra a condição de se operar ante os princípios da realidade e do prazer, em que a satisfação dos desejos atravessa a conscientização das consequências dos mesmos, e a familiarização da criança diante de seu desenvolvimento afetivo/sexual.

As crianças nesta fase necessitam aprender a lidar com elementos que ainda não estão totalmente maturados emocionalmente. Sua estrutura emocional ainda está em formação e na história existe condição para que ela possa aprender a trabalhar essas questões, já que essas dúvidas existem no enredo do conto - no caso, é vivido pela Chapeuzinho e contém aprendizagens que refletem no desenrolar das situações, vividas pelos personagens conflitos semelhantes enfrentados pelas crianças nessa fase. “Chapeuzinho Vermelho é na realidade uma criança que já luta com problemas pubertais, para os quais ainda não está preparada emocionalmente, pois ainda não dominou os problemas edípicos” (BETTELHEIM, 1903, p. 206).

Como educador, devemos saber o quanto é significativo transmitir ao educando a importância de perceber o valor que implica as decisões que escolhemos tomar. De modo simbólico, podemos transmitir esse aprendizado, transmitir esse conhecimento, possibilitar a reflexão de não se poder desconsiderar as consequências da tomada de decisões e que estas envolvem o aprender a lidar com sentimentos.

Chapeuzinho é orientado a chegar até a casa da avó tomando alguns cuidados: ela precisa executar uma tarefa seguindo algumas regras, assim como as crianças em idade escolar precisam. Geralmente, quando solicitadas, devem atender ao pedido que lhes foi feito, mas a menina no decorrer da sua tarefa se encontra seduzida a contrariar o pedido e ir ao encontro de sua satisfação pessoal. O questionamento sobre o que se pode e o que se deve fazer mostra a ambivalência de sentimentos que ela atravessa.

Estar atento à satisfação dos desejos torna-se uma aprendizagem presente durante o crescimento emocional. O educador que compreende o valor do simbólico na maturação da aprendizagem é capaz de facilitar o encontro dessa criança com

essas aprendizagens emocionais, possibilitando uma maior compreensão simbólica da criança na realidade que ela enfrenta.

Quando percebe a semelhança de conflitos da história, com o seu momento, a criança observa soluções que se pode tirar de situações que estão presentes naquele contexto e que muitas vezes são semelhantes ao seu conflito interior. Fazendo essa relação, a criança consegue lidar melhor com as emoções novas, diminuindo sua ansiedade e tornando seu crescimento emocional mais seguro e confortável, já que situações que pedem essa tomada de consciência se tornam-se cada vez mais frequente durante o crescimento.

As histórias convidam a lidar com a ambivalência contida nas situações de transformações inerentes ao crescimento, as de aprendizagem simbólicas, como estas contidas no conto de Chapeuzinho. Acabam se tornando um convite aos educadores também, que necessitam compreender a importância desse momento, um alívio às ansiedades que se pode oferecer aos educandos.

Segundo Bettelheim, podemos notar um desses conflitos encontrados pela menina, na cena em que ela conversa como o lobo. O dilema presente ali já se repetiu numa cena anterior, e nessa é mais uma vez colocado em questão o que se pode ou o que se deve fazer, o que remete Chapeuzinho mais uma vez a uma situação de ambivalência infantil.

O dilema entre o princípio da realidade e o princípio do prazer é afirmado explicitamente quando o lobo diz a Chapeuzinho: – Veja como são lindas as flores ao seu redor. Por que não dá uma olhada? Acho que você nunca parou para ouvir o lindo canto dos pássaros. Está a caminho atenta e concentrada como se fosse à escola, enquanto aqui na floresta tudo é prazer (BETTELHEIM, 1903, p. 207)

Quando Chapeuzinho escolhe conversar com o lobo, ela permite que uma sucessão de fatos ocorra, contrariando as instruções recebidas anteriormente. Assim como Chapeuzinho, a criança à medida em que se desenvolve é estimulada a entrar em contato com o mundo que ela pertence e assim, conhecer melhor suas emoções.

Ela inicia cada vez mais, um processo onde se encontra envolta em decisões que pedem dela uma escolha entre o desejo e o dever.

Essa criança, assim como Chapeuzinho, torna-se consciente de que assumir uma postura pede também responsabilidade; subjetivamente essa criança compreende que a menina da história contrariou um pedido e isso teve consequências, agora existe uma compreensão, um aprendizado que a satisfação dos desejos pode resultar em situações que lhe serão responsabilizadas.

Ainda segundo Bettelheim:

A ameaça de ser devorada é o tema central de Chapeuzinho Vermelho, como em João e Maria. As mesmas constelações básicas que aparecem no desenvolvimento de cada pessoa podem levar as personalidades e destinos humanos mais diversos, dependendo de outras experiências do indivíduo e de como ele as interprete para si próprio. [...] “Chapeuzinho Vermelho” aborda alguns problemas cruciais que a menina em idade escolar tem de solucionar quando as ligações edípicas persistem no inconsciente, o que pode levá-la a expor-se perigosamente a possíveis seduções (BETTELHEIM, 1903, p. 206)

As orientações presentes no enredo do conto ensinam de forma simbólica lições às crianças que estão na fase edípica e enfrentam as demandas emocionais trazidas por esse período. No conto, simbolicamente, os educandos projetam seus próprios conflitos edípicos internos e Chapeuzinho contém informações suficientes para a compreensão emocional que a situação pede, dando prosseguimento às outras etapas do amadurecimento cognitivo.

É o mesmo conflito entre fazer o que gostamos e o que devemos, sobre o qual a mãe da Chapeuzinho advertira no início, aconselhando a filha a “caminhar de modo conveniente e não sair da estrada...”. “E quando chegar a casa da Vovó, não se esqueça de desejar um “Bom dia” e não fique espiando todos os cantos quando chegar”. Assim, a mãe está ciente das inclinações de Chapeuzinho pra desviar-se do caminho conhecido e espiar pelos cantos para descobrir os segredos dos adultos (BETTELHEIM, 1903, p. 207)

A história nos revela também outra aprendizagem que uma criança atravessa: o conto de Chapeuzinho contém instruções que compreendem os anseios sexuais que estão presentes nesse período atravessado pela criança na fase pré-edípica. As construções das fantasias edípicas são tecidas a partir das estruturas inconscientes e nos enredo dos contos de fadas, existem lições para a compreensão dos significados dessas estruturas e dos anseios que elas trazem. Subjetivamente, são compreendidas, ampliando o desenvolvimento emocional que o educando atravessa.

Diante da figura feminina, o papel do masculino na trama da história tem bastante destaque emocional, pois pode-se perceber que o masculino opera de uma maneira dual, a qual é encarada de forma muito sedutora e sagaz – na figura do lobo(o que significa que ceder aos seus apelos, muitas vezes, pode trazer riscos e consequências). Já o caçador, é uma figura que expressa o masculino no viés conservador e seguro, pois é forte e salvadora. No fundo Chapeuzinho sente-se atraída por ambos e experimenta a relação que isso implica.

É como se Chapeuzinho tentasse entender a natureza contraditória do homem vivenciando todos os aspectos da personalidade dele: as tendências egoístas, as sociais, violentas e potencialmente destrutivas ao *id* (o lobo); e as propensões altruístas, sociais reflexivas e protetoras do *ego* (caçador) (BETTELHEIM, 1903, p. 208).

Em contrapartida, a figura feminina das mulheres mais velhas simbolicamente tem pouco destaque, não parecem operar de maneira incisiva no conto. Seus apelos (no caso, as orientações passadas pela mãe de Chapeuzinho) são colocados à prova, quando ela decide contrariar as ordens recebidas. O questionamento acerca do porquê ela decide não seguir as orientações recebidas, pode ser justificado pela figura inexpressiva que a mãe representava na história, ao contrário do que uma criança, assim como Chapeuzinho, necessita ter como modelo.

Podemos perceber que a ambivalência de emoções coloca em risco Chapeuzinho e sua avó. A partir desse fato, o lobo chega à casa da avó, a engole, e fica à espreita esperando Chapeuzinho, que chega e, apesar de fazer algumas perguntas, já é tarde, sua decisão de satisfazer seus próprios desejos gerou consequências que agora estão sendo colocadas em práticas: Chapeuzinho é engolida também. As crianças percebem nesse desfecho o que levou a atitude de transgredir uma regra, e assemelha esse aprendizado para si mesma.

Há ainda uma cena na história que retoma a figura do masculino, que está na participação do caçador, o qual tem um papel de destaque:

O caçador é a figura mais atraente tanto para os meninos quanto para as meninas, porque salva os bons e castiga o malvado. Todas as crianças encontram dificuldades em obedecer ao princípio da realidade e reconhecem facilmente nas figuras opostas do lobo e do caçador, o conflito entre o *id* e os aspectos do superego da personalidade (BETTELHEIM, 1903, p. 213).

Na cena em que o caçador encontra o lobo, a princípio decide matá-lo, mas muda de ideia e toma a decisão de abri-lo em busca da menina e sua avó, revela-se assim a condição onde o *ego* (a razão) se afirma diante das condições do *id* (a raiva contra o lobo e a decisão eminente de matá-lo). O caçador, quando sente que lhe ocorre algo, está diante de sua própria constatação de perceber que é mais importante agir de maneira racional do que ceder às satisfações imediatistas, que é, no caso, matar o lobo, ao contrário de Chapeuzinho, que contraria as ordens recebidas.

Nas histórias “como Chapeuzinho” a criança começa a entender – pelo menos num nível pré-consciente – que só as experiências esmagadoras despertam sentimentos internos correspondentes com os

quais não podemos lidar. Dominando-os não precisamos temer o encontro com o lobo nunca mais (BETTELHEIM, 1903, p. 217).

Os contos transmitem conteúdos por meio da linguagem dos símbolos, possibilitando acessar camadas de consciência muitas vezes obscuras, principalmente pelo modo consciente do método de ensino-aprendizagem. Essa forma de transmitir conteúdo enriquece a aprendizagem, possibilitando trabalhar com uma forma muito valiosa para a aquisição de conhecimento.

Isto é reforçado pela sentença final da estória, pois Chapeuzinho Vermelho não diz que nunca mais se arriscará sozinha na floresta. Ao contrário, o final implicitamente adverte a criança que fugir das situações problemáticas é a solução errada. A estória termina assim: “Mas Chapeuzinho Vermelho pensou: – enquanto eu viver, não sairei da estrada para entrar na floresta por mim própria, quando mamãe proibir –” Com esse diálogo interno, fundamentado numa experiência perturbadora, o encontro de Chapeuzinho com a própria sexualidade terá um resultado bem diferente, quando ela estiver preparada – quando então a mãe a aprovará (BETTELHEIM, 1903, p. 217).

O conto da menina do capuz vermelho pode nos mostrar o quanto as aprendizagens envolvidas no campo cognitivo são fundamentais para o crescimento e para a maturação emocional. O educador deve se apropriar dos simbolismos presentes na história, que vêm enriquecer e contribuir para sua compreensão e para o modo de trabalhar com os educandos.

3.2. O Rei Sapo

3.2.1. Identificação

Contos dos Irmãos Grimm
 Autora: Dra. Clarissa Pinkola Estés

3.2.2. Resumo

Esse conto relata a história de um rei que tinham filhas muito belas; a mais jovem tinha uma beleza tão encantadora que nem o sol conseguia ser indiferente a ela. Um dia, porém, ao brincar com sua bola de ouro, próximo ao poço de água fresca que havia no palácio, a bela princesa deixa sua bola cair nele. Sem conseguir saber o que fazer, visto que havia perdido seu brinquedo preferido, a princesa começa a chorar de tristeza.

Enquanto se lamenta, a princesa ouve uma voz: era um sapo feio e pegajoso que se oferece para resgatar sua bola, mas em troca, pede para ser seu companheiro e partilhar de todos os momentos que a princesa tem, desde o amanhecer até o fim do dia, podendo comer de sua comida e dormir na sua cama. A princesa, a princípio, aceita, mas assim que o sapo consegue resgatar o que ela queria, foge rumo ao castelo onde pensa estar segura da promessa que fez ao sapo.

No dia seguinte, o sapo a procura novamente. Dessa vez o rei, que está jantando com a princesa, questiona sobre o que aquele sapo procura por lá. Ela explica ao pai, e, ao escutar história, o rei exige que a filha cumpra o prometido. A princesa obedece ao pai e aceita o sapo em seu castelo e aposentos. Ela passa a compartilhar seus momentos com o sapo, mas novamente lamenta e chora. Quando vai se deitar o sapo exige dormir na mesma cama que a princesa. Nesse momento ela se zanga e atira o sapo contra a parede. Este se transforma ao cair no chão em um príncipe adorável de olhos meigos e lhe conta que havia sido enfeitiçado por uma fada má, e só uma princesa quebraria o encanto. No dia seguinte a carruagem do reinado do príncipe chega ao castelo, levando o novo casal para uma vida harmoniosa e feliz.

3.2.3. Personagens

- A princesa;
- O rei;
- O sapo.

3.2.4. Estudo do conto: aprendizagens simbólicas

O estudo do conto de fadas *O Príncipe Sapo* foi feito a partir da leitura do livro de Contos dos Irmãos Grimm, da Dra. Clarissa Pinkola Estés, e a análise do conto também contará com as reflexões do autor Bettelheim, que em seu livro *A Psicanálise dos Contos de fadas*, traz a mesma história, apenas conta com uma substituição da palavra Príncipe por Rei no título da história.

O conto do Príncipe Sapo reflete o processo de aprendizagem que o educando atravessa quando está adquirindo conhecimento para lidar com questões que exigem uma maturação de sentimentos e emoções, e oferece às crianças ensinamentos que são necessários ter na hora da tomada de decisões, de se obter consciência de que os atos tomados, ou seja, a decisão de escolha, gera consequências e

responsabilidades.

Assim como no conto estudado no capítulo anterior, a história do Rei Sapo também se refere às consequências que a criança atravessa, quando se opera sobre o princípio do prazer, porém, aqui, vamos destacar outro aprendizado encontrado nessa história: o ciclo noivo animal.

Embora não seja tão antiga quanto às outras histórias sobre noivos-animais, cita-se uma versão sua no século treze. No livro “Lamentos da Escócia” de 1540 aparece um conto semelhante intitulado “O Poço do fim do mundo”. Uma versão de “O Rei Sapo” editado em 1815 pelos Irmãos Grimm começa com três irmãs. As duas mais velhas são insensíveis e orgulhosas; só a caçula se dispõe a ouvir as suplicas do sapo. Na versão dos Grimm, mais divulgada atualmente a heroína também é a caçula, mas não se especifica quantas são as irmãs (BETTELHEIM, 1903, p. 326).

Os contos de fadas que dispõe desse ciclo apresentam simbolicamente lições e aprendizagens que dizem respeito a ensinamentos ligados à maturação da sexualidade infantil, maturação essa que vem sendo formada de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança. A princípio, este deve ser um período que o educando atravessa e necessita aprender a conhecer sensações e emoções que até então eram desconhecidas, os quais podem causar estranhamento, ansiedade, repulsa e tensão ao primeiro contato.

São muito mais numerosos os contos que – sem referir-se à repressão que origina uma atitude negativa para com o sexo – simplesmente ensinam que para amar é absolutamente necessário uma modificação radical das atitudes prévias em relação ao sexo. Como sempre nos contos de fadas, os contos expressam o que deve suceder, com imagens muito marcantes: uma fera que se transforma numa pessoa magnífica. Embora diferentes, estas histórias apresentam uma característica em comum: o parceiro sexual é vivenciado de início como um animal; por conseguinte na literatura dos contos de fadas este ciclo ficou conhecido como ciclo do “noivo animal” (BETTELHEIM, 1903, p. 322).

Os contos de fadas pertencentes a esse ciclo possuem, além dessa, outras semelhanças, quais sejam:

- Sobre a condição do enfeitado, não possuímos informações suficientes para justificar o porquê do seu feitiço, pois ele sempre aparece já na forma do animal;
- Na temática do noivo animal, o encanto é realizado por uma figura feminina;

- Na maioria dos casos é o pai da princesa que exerce o papel de ajudá-la a romper o encanto com o enfeitiçado.

Há três traços típicos nas histórias do ciclo noivo animal. Em primeiro lugar, não se sabe como nem porque o noivo foi transformado em animal, embora na maioria dos contos de fadas seja costume fornecer informações a respeito. Em segundo lugar, é uma feiticeira quem efetua a transformação. Em terceiro, é o pai quem faz a heroína se unir à Fera; a filha o faz por amor ou obediência ao pai; abertamente a mãe não tem papel significativo (BETTELHEIM, 1903, p. 323).

O conto inicia-se com a princesa brincando com sua bola de ouro, ao lado de um poço e por um descuido, deixa a bola cair, perdendo-a no poço. Essa cena representa a princesa com seu objeto de satisfação (a bola) e sinaliza uma psique ainda não desenvolvida plenamente nos processos emocionais, assim como a criança ao se ver tendo que operar e construir significações para lidar com as aprendizagens ou diante de algumas lições emocionais.

Tudo sucede por causa da bola. É um símbolo duplo de perfeição; enquanto esfera, e por ser feita de ouro, o material mais precioso. A bola representa uma psique narcisista ainda não desenvolvida: contém todos os potenciais mais nenhum foi ainda concretizado (BETTELHEIM, 1903, p. 327).

Ao deixar a bola cair no poço enquanto brincava, a princesa lamenta a cena e desolada, chora arrependida por seu descuido. Segundo Bettelheim, é um recorte bastante importante do conto, onde acontece uma perda bastante significativa já que: “Quando a bola cai dentro do poço fundo e escuro, perde-se a ingenuidade e abre-se a caixa de Pandora. A princesa lamenta desesperadamente a perda da sua inocência infantil, tanto quanto a bola” (BETTELHEIM, 1903, p. 327).

O que sucede a seguir é a proposta feita pelo sapo e aceita pela princesa. Conduzida pelo princípio do prazer, ela ignora as consequências que pode haver em firmar o acordo. Sua tomada de decisão é feita sem refletir sobre as consequências, e assemelha-se com as crianças, que em algumas atitudes estão somente mais comprometidas com a satisfação pessoal dos seus impulsos, do que interessadas nas consequências que os mesmos podem ocasionar.

Como as crianças que estão construindo sua aprendizagem simbólica, a princesa precisa se dar conta que, em um determinado momento, consequências desconsideradas podem surgir posteriormente em forma de cobranças.

Quando o sapo recupera a bola de ouro da princesa, esperando que a mesma

cumpra o combinado, ele se decepciona ao perceber que ela não cumpriu o acordo. O sapo só consegue encontrar novamente a princesa no dia seguinte e ela está em companhia do rei, seu pai. A cena em que a princesa explica ao pai o motivo pelo qual o sapo está atrás dela é caracterizado como o momento em que o princípio do prazer dá lugar ao princípio da realidade. Agora a princesa, por determinação do pai, necessita cumprir as promessas que fez.

Como parte do enredo “noivo animal”, neste trecho do conto de fadas o pai aparece com o papel de destaque que lhe é atribuído, ou seja, o de ser responsável por unir a filha ao animal encantando. Através da intervenção do rei, a princesa aceita cumprir seu acordo e consecutivamente se unir ao sapo.

Mas no dia seguinte, quando a corte está jantando, o sapo aparece e pede para entrar. A princesa fecha-lhe a porta. O rei, observando sua aflição, interroga-a sobre o motivo. Ela lhe conta o sucedido, e ele insiste em que ela mantenha a promessa (BETTELHEIM, 1903, p. 327).

A figura do rei representa o valor que há em cumprir as ações que foram prometidas e para a criança, a estrutura simbólica representada pela personagem do rei pode levar à consciência acerca das responsabilidades estabelecidas e as quais devem ser cumpridas. Segundo o autor:

O pai, como em tantas histórias do ciclo noivo animal, é a pessoa que une a filha ao futuro marido em “O Rei Sapo” só por sua insistência ocorre a união feliz. A orientação paterna que leva à formação do superego – deve-se manter as promessas ainda que elas não tenham sido sabias - desenvolve uma consciência, responsável. Esta é necessária para uma união pessoal e sexual feliz, a qual sem consciência madura não teria seriedade e permanência (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

Para os educandos, o rei representa simbolicamente a importância de se desenvolver uma consciência responsável nas decisões, ao insistir que a princesa cumpra seus combinados. Essa cena solidifica para as crianças a importância de tal ação. Por conta da intervenção direta do rei, o sapo faz com que a princesa lhe cumpra o prometido. Agora ele já pode compartilhar momentos juntos com a princesa, pode exercer a relação simbiótica que tanto deseja mais era impedido.

A princesa, quando aceita sua união ao sapo, consegue caminhar em sentido ao amadurecimento simbólico que necessita ter. Ela compreende que uma decisão gera uma consequência e agora consegue operar com isso, apesar de enfrentar desgosto e descontentamento. Ainda assim ela se torna responsável pela promessa

feita. Seguindo com o estudo, a princesa está ciente de que necessita arcar com as consequências de suas promessas e se une ao sapo. Conscientemente ela aceita dividir seus momentos com aquela criatura, responsável por despertar desejos tão nojentos e repulsivos a ela. “O que começou na brincadeira torna-se sério; a princesa deve crescer à medida que é forçada a aceitar os compromissos que fez” (BETTELHEIM, 1903, p. 329).

Nessa parte do conto de fadas, percebemos que ocorreu uma transformação ao longo da trajetória vivenciada pela princesa. No início ela estava preocupada apenas com a satisfação pessoal, não possuía interesses maiores.

Mas, nesse conto, a maturação não é somente limitada à personagem da princesa; em contos de fadas, com o ciclo “noivo-animal”, o parceiro também necessita desenvolver habilidades e ampliar suas capacidades internas. Em alguns momentos, existe tensão, ansiedade, insegurança e uma relação de dependência vivenciada pelo sapo na história. Essas emoções são vivenciadas também pela criança como parte do seu crescimento interior e o educador pode ofertar histórias como o Rei Sapo, como suporte para trabalhar e adquirir aprendizado em relação a esse simbolismo.

Mas, e enquanto ao sapo. Ele também tem que amadurecer antes de poder se unir a princesa. O que sucede com ele mostra que uma pré-condição para se tornar humano é uma relação de dependente com uma figura materna (BETTELHEIM, 1903, p. 329).

No conto, o sapo mostra estar numa condição ainda muito dependente, onde sua autonomia é limitada e assim procura estabelecer um vínculo de interação simbiótica com a princesa. Muitas crianças em determinadas fase de crescimento emocional mantêm o mesmo vínculo de dependência com a mãe. Na história, o sapo necessita amadurecer para se tornar humano e assim romper com essa interação.

Para a criança, durante a leitura do conto, há uma compreensão sobre esse rompimento e o crescimento simbólico que o sapo necessita ter até chegar à sua condição final. A criança compreende que se faz necessário um amadurecimento para que tais etapas consigam ser alcançadas com sucesso.

Como educadores, sabemos que alguns aprendizados emocionais também são necessários para o desenvolvimento interior e para o desenvolvimento emocional que a criança atravessa durante as etapas do seu crescimento.

Ao trabalhar com esse conto como ferramenta de aprendizado com a criança, o educador tem uma forma de transmitir um conhecimento simbólico, onde ao estudar

com a criança ele propicia a ela mecanismos de construir e abastecer os próprios recursos internos de saberes simbólicos. Esses saberes contribuem com a forma como a criança vai se relacionando e compreendendo certas estruturas.

Essas estruturas, por sua vez, até podem ser dolorosas, mas são necessárias para o crescimento, assim como é doloroso para o sapo saber que a ideia de viver a relação de dependência com a princesa já não é mais possível. “Como qualquer criança, o sapo deseja uma existência inteiramente simbiótica. Todas as crianças já desejaram sentar-se no colo da Mãe, comer no seu prato, beber no seu copo e subir na sua cama para tentar dormir com ela” (BETTELHEIM, 1903, p. 329).

O estudo do conto revela que o sapo também precisa ter seu processo de desenvolvimento simbólico até chegar ao seu estágio final de amadurecimento. Essa condição dispõe de aprendizados acerca da sua própria ansiedade, dependência e medo de vivenciar situações. Essa condição necessita ser resolvida, já que também o impede de assim manter uma relação de proximidade com a princesa. O conto revela que à medida que o sapo se aproxima da princesa, ela mostra o quanto se sente incomodada com a situação e vai sendo tomada por emoções que a conduzem a outra ação. “Quanto mais o sapo se aproxima física e pessoalmente, tanto mais intensos se torna os sentimentos dela, mas com isso ela, mais e mais, se torna uma pessoa.” (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

Esta postura é revelada na cena em que ela atira o sapo contra a parede, rompendo, assim com as ordens de seu pai e dando início a um processo de individualidade e independência de suas emoções e sentimentos. Ainda segundo o autor:

Durante um longo tempo obedeceu ao seu pai, mas seus sentimentos são cada vez mais fortes, então, no final, ela afirma sua independência indo contra suas ordens. Assim ela se torna ela própria, e o mesmo sucede com o sapo; torna-se um príncipe (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

Quando movida pelos sentimentos experimentados a partir do convívio que teve com o sapo, a princesa aprende uma lição. Esse trecho do conto mostra o quanto a princesa transcendeu certas emoções e o quanto isso foi libertador para ela, possibilitando assim seu crescimento emocional e auxiliando no desenvolvimento do sapo também. A criança, para desenvolver e compreender seu crescimento, também necessita se libertar e romper algumas estruturas que a impedem de avançar em algumas atividades simbólicas e pedagógicas.

Na cena em que a princesa atira o sapo contra a parede, ela assume a postura

de fazer tal ação, ela assume a consequência de tomar tal atitude, mesmo movida pela sua raiva em relação ao contato com o sapo, ela não foge como antes, mas rompe com as ordens recebidas de seu pai, entrando em contato com suas emoções e afirmando sua independência.

A ansiedade se transforma em raiva e ódio quando a princesa atira o sapo contra a parede. Afirmando-se desta forma e correndo risco ao fazê-lo em oposição às suas tentativas prévias de esquivar-se ou simplesmente obedecer às ordens do pai.- a princesa transcende a ansiedade, e o ódio vira amor (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

Os momentos em que a princesa estabelece contato com o sapo estão cercados de angústia e insatisfação, mas ela deve prosseguir apesar dessa indisposição inicial, pois é importante que ela tente estabelecer uma ligação de proximidade com ele. Para a criança, isso conduz à sua própria concepção de consciência responsável e madura que vai sendo ampliada durante seu crescimento e em contatos com situações que favoreçam esse exercício.

Para o sapo, esse movimento realizado pela princesa é doloroso, mas necessário para chegada da sua condição final de desenvolvimento. Antes, sua interação simbiótica com a princesa não permitia que isso acontecesse.

Assim como a criança que precisa romper com essa dependência materno-uma experiência dolorosa mais inevitável se a criança deseja conseguir a independência. Só quando os pais forçam a parar com a simbiose, a criança começa a ser ela mesma, como o sapo “atirado fora da cama livra-se do condicionamento de uma existência imatura (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

Como educadores e utilizando o estudo do conto do príncipe sapo, podemos ter conhecimento sobre alguns dos aprendizados simbólicos acerca dos caminhos que é possível construir (enquanto educadores) e percorrer (enquanto educandos).

De certa forma a estória diz que, para podermos amar, precisamos primeiro ser capazes de sentir; mesmo se os sentimentos são negativos, isso é melhor do que não sentir (BETTELHEIM, 1903, p. 328).

No conto encontramos a mensagem sobre o modo de estabelecer, de construir uma relação de sentimentos harmoniosos com nossos semelhantes. Mesmo que a princípio essa relação tenha sido tecida de modo difícil, na qual os sentimentos tenham sido envolvidos em experiências não tão positivas, temos que persistir e

ressignificar algumas situações.

Por meio da utilização dos contos de fadas como material simbólico para a aquisição do conhecimento, existem formas de acessar e enriquecer o conteúdo das aprendizagens de modo que o educador, ao trabalhar com o conto como ferramenta de aprendizagem, possa construir e estabelecer formas de ajudar à criança no seu desenvolvimento emocional.

A partir dessa significação simbólica, o conto do rei sapo oferece ao educador uma forma de trabalhar com as crianças que estão ampliando sua concepção de valores e mundo e estão atravessando um período no qual os educadores podem incentivar esse movimento.

O próximo capítulo da pesquisa contará com uma proposta para os educadores, que tem como objetivo incentivar o trabalho com a temática das histórias de fadas. Envolver educadores, educandos e pais é uma forma de poder buscar interagir e aproximar todos dessa ferramenta de aquisição de conhecimento.

Capítulo IV

UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES

4.1. A proposta e justificativas

Este capítulo da pesquisa apresenta, baseado nos estudos dos capítulos anteriores, indicadores para a construção de uma proposta de educação continuada, direcionada principalmente a educadores. O objetivo geral está voltado para a sensibilização acerca do reconhecimento das aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas, bem como os benefícios que essas aprendizagens oferecem às crianças que estão na educação infantil, articulando teoria e prática e sinalizando também a importância de envolver a família.

Esta proposta pedagógica chama a atenção para a importância dos aprendizados e do processo construtivo, em que as percepções da própria criança vão se formando ao mesmo tempo em que ela internaliza essas novas aprendizagens, ampliando a visão de si mesma e do mundo, em cada etapa do seu desenvolvimento.

Os objetivos educacionais, relacionados às aprendizagens para cada etapa de desenvolvimento que esperamos sejam internalizadas pelas crianças, são parâmetros para o professor acompanhar o caminho singular que cada uma delas realiza. Chamamos a atenção de modo especial para a criança que está encerrando o ciclo da educação infantil e partindo para sua interação na educação fundamental-uma nova fase de aprendizagens, com outros desafios.

Podemos, enquanto educadores, facilitar o acesso da criança a essa nova fase de aprendizagem, utilizando como método de apoio os saberes simbólicos encontrados nas histórias de fadas, saberes esses que são essenciais para a criança na construção e ampliação do seu eu e da leitura de mundo que ela própria desenvolve e constrói, ao longo do seu crescimento físico e interior.

Neste período de passagem em que a criança precisa ser preparada para uma maior sistematização dos saberes é fundamental que o educador cuide não somente das aprendizagens conceituais, mas considere as aprendizagens emocionais que estão em curso neste momento em que se dá uma ampliação do seu processo de socialização.

As figuras parentais embora marcantes começam a dar lugar para “outros significativos” (MARINO, M. J., 1998/99). Da mesma forma que a criança é desafiada

a realizar aprendizagens vinculadas a atitudes como: limites, aprender a esperar a vez na hora da brincadeira, aprender a dividir, levar em conta o impacto que seus atos geram no outro, respeitar normas e combinados entre outros. Os contos de fadas possibilitam a elaboração das experiências que estão subjacentes às aprendizagens dessas atitudes.

Ao longo dos capítulos desta pesquisa estudamos algumas das estruturas simbólicas da subjetividade/ intersubjetividade presentes nos contos de fadas, tais como: princípio da realidade x princípio do prazer, a individuação que nos remete ao ter que dar conta de ser único e singular, a relação simbiótica que impede a independência e autonomia, honrar o empenho à palavra dada (fundamento dos comportamentos morais) etc.

Os contos afetam as crianças na forma e no modo como constroem e ressignificam as camadas internas dos saberes e da compreensão simbólica que estas necessitam construir para responder aos objetivos educacionais esperados. A partir disto, parece interessante propor uma oficina de aprendizagens simbólicas, para que os educadores aprendam a criar ambientes facilitadores em seu trabalho, onde aprendizagens desta maneira possam acontecer com frequência, em ambientes não limitados somente à esfera escolar.

Essa proposta de educação continuada em serviço tem como foco os educadores da educação infantil, mais precisamente os profissionais que estão lecionando para crianças do último ano do ensino fundamental, antiga pré-escola.

Esse estudo para a elaboração da oficina abrange uma orientação de apoio, utilizando o trabalho simbólico para crianças, durante o período de pré-letramento. O educador facilitará assim, o compartilhar de emoções, sentimentos de tensão e ansiedade ao cursar o último ano da educação infantil, considerando ainda que as crianças também são afetadas pelos sentimentos de ansiedades de seus próprios pais. Na finalização da Educação Infantil e passagem para o Ensino Fundamental, em muitos casos, os pais criam uma atmosfera de expectativas quanto a aprendizagens direcionadas apenas para o estímulo à aprendizagem letrada, que é a próxima etapa a se cursar na educação normativa.

Para esperar um bom rendimento da criança durante a fase de pré-alfabetização é interessante estar consciente de que essa é mais uma etapa no processo de escolarização que ela própria vem construindo durante sua trajetória de aquisição do conhecimento. O modo como se dá a interação da criança com essa nova etapa da aprendizagem no Ensino Fundamental, vai refletir como ela, ao seu modo, conseguirá interagir com as etapas de aprendizados pedagógicos aos quais ela

tem que operar durante todo seu desenvolvimento e trajetória escolar. Uma atenção especial precisa ser dada a cada criança.

Isto porque não há um desenvolvimento igual ao outro, seja físico, social, emocional, etc. Os processos maturacionais de cada criança são discrepantes em relação às demais. Sua estrutura é sempre singular, seguindo os processos específicos, vinculados a história de cada sujeito (KISHIMOTO, 1998, p. 158).

O modo como a criança internaliza e gerencia as emoções que ela vivencia ao longo do seu processo de aprendizagem, reflete na maneira como ela está estruturando o ambiente em que ela se encontra. Nos contos de fadas encontramos uma ótima ferramenta para oferecer à criança que está vivendo este processo de estruturação da mesma forma que o educador tem a oportunidade de revisitar sua própria subjetividade e o impacto que os contos de fadas tiveram em sua história de vida. É importante que os pais também sejam parceiros nessa redescoberta das aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas.

Notamos que muitos pais, mesmo preocupados com o bom desenvolvimento de seus filhos, não conseguem perceber a importância que os contos de fada, como todo o mundo de fantasia, têm para as crianças. Muitos acreditam que os contos de fadas são irreais por não trazerem a “verdade” (realidade do dia a dia), por isso, são pouco saudáveis. No entanto, é importante perceber que a realidade cotidiana da vida adulta não cabe no mundo infantil (RAMOS, 2011, p. 276).

Se os contos de fadas não abordam a realidade do dia a dia, da vida adulta, resgatam verdades existenciais que são estruturantes na nossa constituição como seres humanos, trazendo por meio do mundo imaginário, valores fundamentais na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

4.2. Indicadores para uma oficina de Contos de Fadas

Objetivo Geral: Sensibilizar para o reconhecimento das aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas, bem como dos benefícios que essas aprendizagens oferecem às crianças que estão na educação infantil, articulando teoria e prática.

Sujeitos: Educadores que estão trabalhando com crianças na finalização da Educação Infantil e início do Ensino Fundamental.

Número de encontros: Três encontros.

Duração: aproximadamente noventa minutos.

Quem ministra: Coordenadores ou Consultores.

Oficina de Contação de Histórias de Fadas, para educadores que estão trabalhando com crianças na finalização da Educação Infantil e início do Ensino Fundamental, onde teremos menor ênfase no letramento e maior apoio às aprendizagens obtidas de modo simbólico.

Essa oficina terá três etapas, e em cada uma delas haverá uma continuidade do trabalho anterior. Ao final os coordenadores de cada projeto avaliarão, de acordo com o rendimento obtido, as necessidades dos educadores também levando em consideração a demanda.

No primeiro encontro, os educadores resgatam as histórias de contos de fadas de sua infância e são mobilizados a descobrir a relação entre aprendizagens simbólicas e objetivos educacionais, voltados para a formação de atitudes. Os contos trabalhados pelos educadores conterão aprendizagens para crianças na faixa etária aproximada do último ano da educação infantil.

No segundo encontro haverá uma avaliação dos estudos realizados durante a primeira oficina e os educadores trabalham sua comunicabilidade frente aos contos, preparando-se para um encontro com os alunos.

No terceiro encontro, compartilham-se as experiências vividas com as crianças, preparando um Encontro com os pais, as crianças e os educadores. Combina-se momento de avaliação do Encontro e da Oficina realizada, abrindo-se caminhos para outros passos, na descoberta para educadores e pais se apropriarem das aprendizagens presentes no *“Era uma vez...”*

OFICINA DE CONTOS DE FADAS / DISPARADORES

Tabela 1 - Foco nos Educadores

1º Encontro: Resgatando os contos de Fadas	
Objetivos: Relacionar as aprendizagens simbólicas presentes nos contos de fadas e os objetivos atitudinais.	
Aquecimento	Realizar o contato com o grupo, trazendo a meta do trabalho e explicitando o sentido de “aprendizagens simbólicas”, como estruturas subjetivas que dão origem à formação de atitudes. Sentados em roda, cada educador é solicitado a ficar consigo mesmo, lembrando os contos de fadas que foram importantes em sua infância e como os marcaram. Comenta-se a experiência.
Proposta de Trabalho	Escolher 3 contos disponibilizados pelo Coordenador/Consultor e formar 3 subgrupos para à luz do referencial teórico trazido. Destacar as aprendizagens simbólicas presentes em cada um.
Compartilhar/Elaborar	Cada subgrupo apresenta em folhas de flip-shart o levantamento realizado e o grupão relaciona-os aos objetivos atitudinais almejados pelo coletivo.
Avaliar	Por meio de palavras significativas
Referências Bibliográficas	BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Chapeuzinho Vermelho e contos do ciclo “noivo-animal”. 3. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Tabela 2 - 2º Encontro: foco nas crianças

2º Encontro: Aprimorando a experiência comunicativa de contar histórias de fadas.	
Objetivos: Vivenciar a prática de contação de histórias de fadas relacionando com as experiências vividas junto às crianças.	
Aquecimento	Roda de conversa sobre a experiência de viver a contação de histórias com as crianças.
Proposta de Trabalho	Em pequenos grupos escolher uma história de fadas preparando-se para apresentar ao coletivo e realizá-la em conjunto.
Compartilhar/Elaborar	Comentar a experiência levantando aspectos que podem aprimorar a própria performance. Combinar a primeira experiência de contação de histórias de fadas com as crianças relacionando aprendizagens simbólicas e atitudinais.
Avaliar	Dizer um aspecto que está levando como fundamental, para favorecer seu crescimento como educadora, considerando a importância do universo imaginário para favorecer a passagem da educação infantil para o ensino fundamental.
Referências Bibliográficas	BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Chapeuzinho Vermelho, e contos do ciclo “noivo- animal”. 3. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra,1998.

Tabela 3 - 3º Encontro: Foco na relação Escola-Família

3º Encontro: Resgatando a aliança Escola-Família por meio dos Contos de Fadas.	
Objetivos: Compartilhar a experiência com as classes e preparar um encontro com Pais e Crianças.	
Aquecimento	Relatar a experiência vivida no encontro anterior com as crianças.
Proposta de Trabalho	Preparar um encontro com os pais e as crianças, tendo em vista sensibilizar a família como aliada na contribuição dos contos de fadas para as aprendizagens de várias ordens: afetivas, cognitivas e expressivas.
Compartilhar/Elaborar	Levantar dificuldades e facilitadores para a experiência e material de apoio para o trabalho com as crianças. Ex.: desenho, teatro e expressão verbal com objetos cênicos.
Avaliar	Combinar o momento de avaliação do trabalho que envolveu Pais, Crianças e Educadores, levantando a necessidade de continuidade da oficina e outros projetos afins.
Referências Bibliográficas	Preparar para disponibilizar aos pais um texto baseado em BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas, relacionando aos objetivos do Projeto Político Pedagógico da Escola

Capítulo V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidencia a importância dos contos de fadas no processo de aprendizagem do educando e também do educador. Ao longo da investigação pôde-se observar que o caminho percorrido ao desenvolver o trabalho trouxe muita sabedoria, alegrias e descobertas. Foi observado que os contos de fadas possuem um rico arsenal de lições que podem fornecer aprendizagens para o crescimento emocional e pedagógico.

A história real dos seres humanos traz muitos desafios. A violência, a ignorância e a injustiça muitas vezes triunfam mais do que conseguimos admitir. Os contos de fadas mobilizam nossa capacidade de criar e assim podemos questionar o que acontece. Embora a ficção não tenha o poder de salvar o mundo ela nos enriquece no contínuo trabalho de buscar um mundo mais justo e mais humano.

As aprendizagens simbólicas fornecem informações sobre saberes que permeiam nosso cotidiano. São conhecimento que adquirimos e, à medida que entramos em contato com eles, podemos refinar nosso saber. Esse exercício, ou seja, o modo como essas aprendizagens chegam e se ressignificam em nossa consciência, auxiliam no processo de conhecimento e crescimento interior. Poder compreender sentimentos presentes na condição humana, faz parte do processo de aprendizado pessoal que educando e educadores necessitam ter ao longo da sua trajetória de aprendizado. Isso é um exercício constante, uma prática que se inicia em nossos primeiros contatos sociais e são ampliados de acordo com nossos estímulos e à medida que vamos crescendo.

O sentido do trabalho enquanto educadora me revela que as aprendizagens simbólicas, como as presentes nos contos de fadas, necessitam cada vez mais fazer parte das práticas pedagógicas, uma vez que fornecem um vasto material de aprendizagem. Foi muito gratificante poder desde a infância, ter tido contato com um material tão amplo em conhecimento e agora adulta poder de modo tão rico e cuidadoso, e como enquanto educadora, poder transmitir essa sabedoria aos educandos.

Após a conclusão do trabalho realizado fica notável a busca pela sensibilização do educador em conhecer e trabalhar com as aprendizagens simbólicas que os contos de fadas podem oferecer às crianças. É muito pleno poder levar à criança saberes tão

antigos presentes nas histórias clássicas das fadas, e trabalhar com elas, considerando as necessidades da educação contemporânea, com saberes dos dias atuais. Hoje contamos com meios tecnológicos envolventes, que podem possibilitar o aprendizado de adultos e crianças, mas estes não substituem o contato presencial, fundamental para as aprendizagens de natureza cognitivo-afetivas, que supõem criação de vínculos.

Esperamos ter contribuído para se compreender a importância de uma educação para todos, nutrida pelas histórias de Contos de Fadas, assim como deve ser nos finais felizes...

Defendemos a importância da ficção por crer que a capacidade de criar e questionar se nutrem da mesma fonte que a de devanear. Parcos recursos imaginários redundam somente em pobreza de espírito e numa civilização bovina (CORSO, D.; CORSO, M., 2006, p. 305).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIGNANESI, Richard {Texto}; **ZARATE**, Oscar {Ilustrador}. *Conheça Freud* do original em língua inglesa *Freud for beginners*. São Paulo: Proposta Editorial, 1979, s/d.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 3. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

BOCK, Ana M. B., **FURTADO**, Odair e **TEIXEIRA**, Maria L. T. *Psicologias*. São Paulo: Saraiva, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; **CORSO**, Mário. *Fadas no Divã - Psicanálise nas Histórias Infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESTÉS, Clarissa. *Contos dos Irmãos Grimm*. Rio de Janeiro: Rocco 2005.

FADIMAN, James; **FRAGER**, Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil, 1939.

KISHIMOTO, Tizudo Morchida. *O Brincar e suas Teorias*. São Paulo: Pioneira: 1998

MARINO, Marília, J. *O grupo no processo educativo*. In: Linhas Crítica. Psicodrama na educação. Revista Semestral da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília: v. 4, n.7-8, jul/1998, jul/1999.

SOUSA, Katyane Lima. *A importância dos contos de fadas nos anos iniciais do ensino fundamental*. Disponível em: <<http://caosfilosofico.blogspot.com.br/p/artigo-importancia-do-contos-de-fada.html>>. Acesso em: 14 out. 2013.

RAMOS, Valéria. V Encontro de Pesquisa em Educação (V ENPED) Ecoformação: a Educação na Teia da Complexidade. Disponível em: <http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/arquivos_enped/ramos_valeria.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.